

FRANCES HODGSON
BURNETT

OBRA DE REFERÊNCIA
Leitura
recomendada
6.º ano

O JARDIM SECRETO

Nova tradução da escritora
Carla Maia de Almeida



 fábula

Índice

Prefácio

– 9 –

I

E não ficou ninguém

– 15 –

II

A menina Mary «sempre com razão»

– 22 –

III

Do outro lado da charneca

– 32 –

IV

Martha

– 38 –

V

O choro no corredor

– 58 –

VI

Havia alguém a chorar. Havia mesmo!

- 66 -

VII

A chave do jardim

- 74 -

VIII

O pintarroxo que mostrou o caminho

- 82 -

IX

A casa mais estranha do mundo

- 92 -

X

Dickon

- 104 -

XI

O ninho do tordo-visgueiro

- 118 -

XII

Posso ter um bocado de terra?

- 128 -

XIII

Chamo-me Colin

- 139 -

XIV

O jovem rajá

- 154 -

XV

Construindo ninhos

- 168 -

XVI

«Não!», disse Mary

- 182 -

XVII

Uma grande birra

- 191 -

XVIII

Não podemos perder tempo

- 200 -

XIX

Chegou a primavera!

- 208 -

XX

Vou viver para sempre!

- 222 -

XXI

Ben Weatherstaff

- 232 -

XXII

Ao entardecer

- 245 -

XXIII

Magia

- 252 -

XXIV

Deixem-nos rir

- 266 -

XXV

A cortina

- 280 -

XXVI

É a minha mãe!

- 289 -

XXVII

No jardim

- 301 -

Prefácio

Quando aceitei o desafio de traduzir *O Jardim Secreto*, soube de imediato porque o fazia. Além da oportunidade de contribuir para a excelente coleção da Fábula, foi o apelo da memória que se impôs. Explico: teria uns dez anos, a idade da protagonista desta história, Mary Lennox («a Menina Mary sempre com razão»), quando descobri, em casa dos meus avós, um velho livro de capa azul intitulado *A Princesinha*. Comecei a lê-lo e nunca mais parei; li-o tantas vezes que perdi a conta. Na versão portuguesa de Maria Lamas, notável escritora, jornalista, tradutora e ativista dos direitos das mulheres, *A Princesinha* apresentou-me à minha primeira heroína literária e à atmosfera da Inglaterra vitoriana, uma época terrível e admirável nas suas contradições. Nunca mais me esqueci da palavra «mansarda», da descrição das ruas chuvosas de Londres, das minas de diamantes da Índia do Império Britânico, do austero colégio interno de Miss Minchin e da menina que passou da riqueza à pobreza de um dia para o outro, sem nunca perder a esperança nem a integridade.

Nesse tempo, os escritores não visitavam as escolas. Ninguém falava de «mediação leitora» nem havia biografias ao dispor na internet. As próprias bibliotecas públicas e escolares eram um mundo fechado a sete chaves. Daí que o nome da autora de *A Princesinha* e de *O Pequeno Lorde*, que li na mesma altura, me soasse algo misterioso: Frances Hodgson Burnett. Na minha ingenuidade, cheguei a pensar que Frances era um nome masculino (Francisco? Frederico?), tal era a estranheza com que ressoava no meu ouvido infantil. Só muito mais tarde, ao interessar-me pela literatura para os mais novos, percebi que Frances era o nome de uma mulher cuja vida foi tudo menos vulgar. Desde logo, porque foi uma das primeiras mulheres do tardio século XIX — e início do século XX — a subsistir da escrita, a partir dos 18 anos e até ao fim dos seus dias.

Tal como o escritor Henry James, seu ilustre contemporâneo, Frances H. Burnett foi adotada como inglesa na Grã-Bretanha e como norte-americana nos Estados Unidos. Nos primeiros anos de ascensão profissional, muito se especulou sobre a sua nacionalidade — e o facto de ter cumprido mais de 30 viagens transatlânticas não só é digno de nota, sobretudo a esta distância temporal, como também alimenta a ambiguidade de alguém que sempre procurou sentir-se «em casa».

Na verdade, Frances nasceu em Manchester, Inglaterra, uma das cidades-chave da Revolução Industrial, em 24 de novembro de 1849. A morte prematura do pai, quando tinha apenas três anos, obrigou a família a abdicar do negócio local e a procurar uma vida melhor nas promessas do Novo Continente. Com a mãe e mais quatro irmãos e irmãs, Fanny (como então

era afetuosamente tratada, embora não gostasse do diminutivo) emigrou aos 15 anos para os Estados Unidos, ao encontro da vida invulgar que a aguardava.

Tinha apenas 18 anos quando enviou uma história sua para a revista literária mais popular da América recém-saída da Guerra Civil. Desde então e até ao seu desaparecimento, em 29 de outubro de 1924, com 74 anos, Frances Burnett nunca viu um manuscrito rejeitado, sabendo incorporar as preferências dos leitores e os elogios da crítica (bem mais benevolente do que hoje, diga-se de passagem). Os seus contos e romances para o público adulto, onde se mesclavam a herança vitoriana com intrigas cheias de mistério, drama, amor, pobreza e ascensão social, bem como outros ingredientes ao gosto da época, trouxeram-lhe fama e prestígio quase imediatos. Quando decidiu escrever *O Pequeno Lorde* (1886) para os mais novos e adaptar para livro o sucesso da peça de teatro *A Princesinha* (1905), a sua popularidade aumentou ainda mais.

Deixamos ao leitor a curiosidade de saber mais sobre a extraordinária vida e obra de Frances H. Burnett, mas sempre recordamos que uma das originalidades de *O Jardim Secreto* consistiu em ter começado por sair numa revista literária destinada ao leitor adulto, *The American Magazine*. A publicação em série ou em fascículos era a forma mais comum de os novos autores se tornarem conhecidos e, como já dissemos, foi também esse o início da carreira de Frances Burnett. Reunidas as várias partes do texto, a primeira edição do romance foi publicada, simultaneamente, em 25 de agosto de 1911, sob a chancela de importantes editoras de Londres e de Nova Iorque. Pese embora o êxito comercial, não se tornou um clássico

da literatura infantojuvenil da noite para o dia, demorando várias décadas até ser legitimado pela crítica e pela academia.

É lícito ver no enredo de *O Jardim Secreto* um símbolo de transformação e renascimento sobre o qual Frances Hodgson Burnett decalcou o seu compromisso com a escrita e a vida. Todas as suas convicções místicas e espirituais; a sua fé nos progressos da ciência e da medicina; a crença naquilo a que hoje chamamos o «pensamento positivo»; a exaltação pós-romântica da natureza: todos esses temas convergem para estas páginas. Por esta altura, Frances já tinha passado por dois casamentos e dois divórcios; sofrido a morte do primeiro filho, com apenas 17 anos; e enfrentado sucessivos estados de doença e exaustão (hoje, os médicos chamar-lhe-iam «depressões»), ao obrigar-se a escrever sem parar. Os belos jardins que cultivou nas várias residências, tanto em Inglaterra como nos Estados Unidos, ofereceram-lhe a possibilidade de regenerar o corpo e o espírito.

O mesmo sucede com os primos Mary Lennox e Colin Craven, protagonistas desta história; e, não por casualidade, ambos órfãos de mãe. Crianças enfermiças, temperamentais e entediadas com a vida, descobrem uma oportunidade de se curar interiormente, fazendo regressar à vida o jardim votado ao esquecimento. Não o conseguem sozinhos: os irmãos Martha e Dickon; o velho jardineiro Ben Weatherstaff; o pintarroxo e todos os animais que aqui são mais do que figurantes; e, principalmente, a figura maternal da Sra. Sowerby, aparecem como ajudantes de um lento processo de regeneração primaveril. A autora sugere não haver distinção entre as crianças, as flores, as árvores e os animais, porque todos participam no mesmo desejo de evolução.

Do inverno para a primavera, toda a espera é uma promessa de incerteza e, por isso, ninguém pode saber o que vai dentro de uma semente — ou do coração de uma pessoa. Mas, por vezes, a magia acontece. Possa o leitor descobri-la, ao ler *O Jardim Secreto*.

Carla Maia de Almeida

E não ficou ninguém

Quando Mary Lennox foi viver com o tio na mansão de Misselthwaite, todos comentaram que ela era a criança mais antipática que já tinham visto — e era verdade. Tinha o rosto macilento e uma expressão azeda; o cabelo louro e fino; o corpo pequeno e escanzelado. A pele era de um tom amarelado, uma vez que nascera na Índia e estava sempre doente por uma razão ou por outra. O pai, também ele habitualmente doente, ocupava um cargo do governo inglês e andava sempre atarefado. A mãe, considerada uma mulher muito bonita, só se preocupava com festas e em divertir-se com gente bem-disposta. Nunca desejara ter uma filha e, quando Mary nasceu, entregou-a aos cuidados de uma ama — a quem foi dito que, para agradar à senhora, seria melhor manter a criança longe da sua vista.

Deste modo, quando era uma bebé feia, resmungona e enfermiça, Mary viveu afastada dos outros. Assim que cresceu e se

tornou uma criança feia, resmungona e enfermiça, continuou a viver à parte. Não se recordava de ver outros rostos familiares além do da ama e dos demais criados indianos. Todos lhe obedeciam e a deixavam fazer o que ela quisesse, porque a senhora ficaria irritada caso a incomodassem com o choro da filha.

Ao completar os seis anos, Mary já era a criaturinha mais egoísta e autoritária que existia à face da Terra. A jovem governanta inglesa, contratada para a ensinar a ler e a escrever, embirrou com ela de tal maneira que se despediu ao fim de três meses; e as outras governantas substitutas foram-se embora ainda mais cedo do que a primeira. Assim, se Mary não tivesse querido realmente aprender a ler livros, seria incapaz de decifrar uma única letra.

Numa manhã terrivelmente quente, tinha Mary cerca de nove anos, acordou a sentir-se muito zangada. Ficou ainda pior ao ver que quem estava à cabeceira da cama era uma desconhecida.

— Que estás aqui a fazer? — perguntou à mulher. — Não tens autorização para estar ao pé de mim. Vai chamar a minha ama.

A mulher parecia assustada e apenas balbuciou que a ama não podia vir. Quando Mary perdeu as estribeiras e começou a bater-lhe e a dar-lhe pontapés, ficou ainda mais assustada e repetiu que a ama não podia vir para junto da menina.

Naquela manhã, havia qualquer coisa de estranho no ar. As coisas não sucediam com a organização habitual e faltavam muitos dos empregados indianos. Mas ninguém lhe explicava nada e a ama não aparecia. A manhã passou e Mary acabou por ir brincar sozinha para o jardim, debaixo de uma árvore junto ao alpendre. Fez de conta que arranjava um canteiro de flores e espetou grandes hibiscos encarnados em montículos de terra. Sentia-se cada vez mais

zangada e dizia baixinho os nomes que havia de chamar a Saidie, a ama, quando ela voltasse.

— Porca! Porca! Filha de porcos! — murmurava, porque chamar «porco» a um indiano é o pior dos insultos.

Rangia os dentes e ia repetindo aquilo quando ouviu a mãe a falar com alguém no alpendre. Acompanhava-a um homem novo e bem-parecido, e ambos conversavam num tom de voz baixo e misterioso.

Mary conhecia o jovem de cabelo louro que tinha cara de rapazinho. Ouvira dizer que se tratava de um oficial acabado de chegar de Inglaterra. Olhou para ele, mas olhou especialmente para a mãe. Fazia-o sempre que tinha oportunidade, porque a senhora — referia-se-lhe assim, na maior parte das ocasiões — era uma figura alta, elegante e bonita. Usava vestidos maravilhosos, tinha um cabelo sedoso e encaracolado, olhos grandes e risonhos, e um nariz delicado e pequeno que parecia desdenhar de tudo e mais alguma coisa. Vestia sempre vestidos leves e esvoaçantes. Mary dizia que estavam «cobertos de rendas». Naquela manhã, pareciam ter ainda mais rendas do que o costume, mas os olhos dela não mostravam a menor alegria. Estavam dilatados e temerosos, e fixavam o rosto claro do jovem oficial com uma expressão de súplica.

— É assim tão grave? É mesmo grave? — ouviu-a perguntar Mary.

— É terrível — respondeu o oficial, com a voz a tremer. — É terrível, Sra. Lennox. Há duas semanas que devia ter partido para as montanhas.

Nervosa, a senhora contorcia as mãos.

— Oh, eu sei! — exclamou. — Só fiquei para ir àquele estúpido jantar! Como fui imprudente!

Naquele momento, ouviu-se um pranto vindo dos aposentos dos criados. A senhora fincou os dedos no braço do oficial e Mary começou a tremer da cabeça aos pés. O coro de lamentações crescia, cada vez mais histérico.

— O que é isto? — indagou a Sra. Lennox, sem conseguir respirar.

— Morreu alguém — respondeu ele. — Não me disse que já tinha contagiado os seus criados...

— Eu não sabia! Venha comigo! Venha comigo! — E regressou a correr para dentro de casa.

A seguir, aconteceram coisas terríveis — e Mary compreendeu o que estava na origem daquela manhã fora do normal. A cólera tinha rebentado de maneira abrupta e as pessoas morriam como moscas. A ama adoecera durante a noite e o choro dos criados devia-se à sua morte súbita. No mesmo dia, faleceram mais três criados, enquanto outros fugiram de medo. Imperava o pânico e os bangalós enchiam-se de mortos.

Durante a confusão e o desnorte do segundo dia, Mary escondeu-se no quarto dos brinquedos e por ali ficou esquecida. Ninguém pensou nela, ninguém se preocupou em ir buscá-la; e passaram-se mais coisas estranhas das quais ela nunca se apercebeu.

As horas decorriam e Mary apenas chorava ou dormia. Só sabia que as pessoas estavam doentes e que tinha escutado ruídos misteriosos e assustadores. Numa ocasião, esgueirou-se até à sala de jantar e encontrou-a vazia, ainda que a mesa estivesse posta para uma refeição. Mas era como se esta tivesse sido deixada a meio,

de repente, com os pratos e as cadeiras empurrados precipitadamente pelos comensais.

Mary comeu alguma fruta e uns biscoitos e, como tinha sede, bebeu um copo de vinho quase cheio. Era doce, mas não fazia ideia de que era tão forte. Dali a pouco, sentiu-se muito sonolenta. Voltou para o quarto dos brinquedos e fechou-se lá dentro, assustada pelos gritos que vinham dos bangalós dos criados. O vinho provocou-lhe tanto sono que mal conseguia abrir os olhos, de modo que se deitou na cama e alheou-se de tudo durante muito tempo.

Aconteceram muitas coisas naquelas horas em que dormiu profundamente, mas nem as lamentações nem o ruído de objetos a serem transportados para dentro e para fora do bangaló a conseguiram perturbar.

Quando acordou, deixou-se ficar deitada, a olhar para a parede. A casa estava absolutamente silenciosa, como nunca estivera antes. Não ouvia passos nem vozes e perguntou a si própria se a cólera já teria passado e se todos os problemas teriam terminado. Também gostaria de saber quem cuidaria dela, agora que a ama estava morta. Talvez viesse uma nova ama que soubesse histórias novas. Já se fartara de ouvir as mesmas.

Não chorou pela morte da ama. Não era uma criança afetuosa e nunca se interessara especialmente por alguém. O barulho, as correrias e os lamentos provocados pela cólera tinham-na assustado e agora sentia-se zangada, porque ninguém se lembrava de que ela existia. Toda a gente estava demasiado alarmada para pensar numa menina de quem ninguém gostava. Quando as pessoas apanhavam a cólera, parecia que só se lembravam de si próprias.

Se ficassem boas outra vez, de certeza que alguém se lembraria dela e voltaria ali para a levar.

Mas não veio ninguém. Enquanto esperava, a casa parecia ficar cada vez mais silenciosa. Ouviu algo a agitar-se no tapete e, ao olhar para o chão, reparou numa pequena serpente que deslizava e a fitava com uns olhos brilhantes como pedras preciosas. Mary não se assustou, porque se tratava de uma criatura inofensiva que não lhe faria mal e parecia ansiosa por sair da sala. Enquanto a observava, o animal escapuliu-se por debaixo da porta.

— Que silêncio tão estranho. É como se em casa só estivesse eu e a serpente.

Quase de seguida, ouviu o barulho de passos a entrarem na propriedade e a cruzarem o alpendre. Eram passos de homens que perscrutavam o bangaló e falavam em voz baixa. Ninguém se apresentou para os receber e percebia-se que andavam de uma divisão para a outra, abrindo as portas e espreitando lá para dentro.

— Que tristeza! — exclamou uma das vozes. — Aquela mulher lindíssima! E suponho que a criança também... Ouvi dizer que havia uma criança, embora ninguém a tivesse visto.

Mary estava de pé, no meio do quarto dos brinquedos, quando uns minutos depois os homens abriram a porta. Depararam com uma criança feia e irritada, de sobrolho franzido, pois Mary estava com fome e a sentir-se absolutamente desprezada. O primeiro homem a entrar foi um oficial de aspeto forte que ela uma vez tinha visto a conversar com o pai. Tinha um ar cansado e angustiado. Ao encontrá-la, ficou tão perplexo que quase deu um salto para trás.

— Barney! — gritou. — Está aqui uma criança! Uma criança sozinha num sítio destes! Valha-nos Deus, quem será?

— Chamo-me Mary Lennox — declarou ela, pondo um ar importante, porque achou uma falta de educação o homem referir-se ao bangaló do pai como «um sítio destes». — Adormeci enquanto todos apanhavam a cólera e só acordei agora. Porque é que ninguém apareceu?

— É a criança que ninguém conhecia! — exclamou o oficial, voltando-se para os companheiros. — Não há dúvida de que se esqueceram dela!

— Porque é que se esqueceram de mim? — perguntou Mary, batendo o pé. — Porque é que não veio cá ninguém?

O homem ainda jovem, cujo nome era Barney, encarou-a com um ar tristíssimo. Mary pensou que ele pestanejava para afastar as lágrimas.

— Pobre criança! Não ficou ninguém para vir buscá-la.

Foi desta forma brusca e inquietante que Mary descobriu que tinha perdido o pai e a mãe. Que ambos tinham morrido e sido transportados durante a noite; que os poucos criados indianos a escapar com vida também tinham abandonado a casa o mais depressa possível, sem que um deles se tivesse lembrado da existência da menina. Por isso é que a casa se encontrava tão silenciosa. Sim, sempre era verdade que mais ninguém vivia no bangaló, além de Mary e da pequena serpente que por ali deslizava.

II

A menina Mary, «sempre com razão»

Mary gostava de observar a mãe ao longe. Achava-a muito bonita. Visto que mal a conhecia, dificilmente se podia esperar que gostasse muito dela ou que sentisse a sua falta. Para dizer a verdade, como era uma criança fechada no seu mundo, não tinha quaisquer saudades. Se fosse mais velha, de certeza que ficaria angustiada por se encontrar só; mas, como era muito pequena e sempre estivera aos cuidados de alguém, achava que as coisas nunca mudariam na sua vida. Só queria saber se iria ficar com pessoas simpáticas e educadas, que lhe dessem toda a liberdade para fazer o que lhe apetecesse, tal como faziam a sua ama e os outros criados.

Primeiro, levaram-na para casa de um padre inglês, mas ela sabia que não iria permanecer lá por muito tempo, nem tão-pouco o desejava. O padre era pobre e tinha cinco filhos, todos mais ou menos da mesma idade, que usavam roupas gastas e estavam

sempre a guerrear e a tirar brinquedos uns aos outros. Mary odiava o bangaló desarrumado e mostrou-se tão desagradável que, ao fim de um ou dois dias, as crianças deixaram de brincar com ela. No segundo dia, já lhe tinham posto uma alcunha que a deixou furiosa.

A ideia partiu de Basil, um rapazinho de olhos azuis e atrevidos e nariz arrebitado. Mary detestava-o. Estava a brincar sozinha debaixo de uma árvore, tal como no dia em que se espalhara a cólera, a juntar montinhos de terra e carreiros para fazer um jardim, quando Basil se aproximou e ficou a observá-la. Começou a ficar genuinamente interessado e, de repente, deu uma sugestão:

— Porque é que não pões pedras ali, a fingir que é um caminho? — disse ele, apontando o sítio. — Ali, mesmo no meio.

— Vai-te embora! — gritou Mary. — Não quero aqui rapazes! Desaparece!

Por instantes, Basil mostrou-se zangado, mas depois começou a provocá-la, tal qual como costumava fazer com as irmãs. Dançava à volta dela, fazia caretas, ria-se e cantarolava:

*Menina Mary, sempre com razão,
O seu jardim vai bem ou não?
Tem campainhas e cascas de berbigão
E malmequeres pisados no chão.*

Basil cantou até que as outras crianças o ouviram e, quanto mais Mary se irritava, mais elas cantavam:

— Menina Mary, sempre com razão!

Durante o tempo em que viveu com os cinco irmãos, continuaram a tratá-la assim, quer quando falavam entre eles quer quando lhe dirigiam a palavra:

— Menina Mary, sempre com razão!

— No final da semana vão mandar-te para a tua terra — disse-lhe Basil, um dia. — E nós ficamos todos muito contentes.

— Eu também fico contente — replicou Mary. — Onde é a minha terra?

— Ela não sabe onde é a terra dela! — exclamou Basil, do alto dos seus sete anos trocistas. — É a Inglaterra, como é evidente. A nossa avó mora lá e a nossa irmã Mabel foi viver com ela o ano passado. Mas tu não vais para a casa da tua avó, porque não tens avó. Vais para casa do teu tio. Chama-se Archibald Craven.

— Não sei quem é — respondeu Mary, bruscamente.

— Eu sei que não sabes. Não sabes nada. As raparigas não sabem nada. Mas eu ouvi o meu pai e a minha mãe a falarem dele. Vive numa casa muito grande e velha, isolada no meio do campo, e ninguém se aproxima dele. É tão maldisposto que não recebe visitas, e mesmo que as recebesse elas não iriam lá. É corcunda... e é horroroso.

— Não acredito em ti — disse Mary, virando-lhe as costas e enfiando os dedos nos ouvidos para não escutar mais nada.

Porém, mais tarde, ficou a remoer sobre o assunto. Naquela noite, quando a Sra. Crawford lhe disse que dali a uns dias iria viajar de barco para Inglaterra, a fim de ir ter com o tio, Archibald Craven, que vivia na mansão de Misselthwaite, Mary mostrou-se

apática e obstinadamente desinteressada. Ninguém conseguia percebê-la. Tentaram ser simpáticos, mas se a Sra. Crawford a tentava beijar, ela virava a cara. Quando o Sr. Crawford lhe dava uma palmadinha amigável no ombro, ela mantinha-se rígida.

— É uma menina tão feia — comentaria depois a Sra. Crawford, cheia de pena. — E a mãe era uma mulher tão bonita e tão agradável. Mary é a criança mais antipática que já vi. Os miúdos chamam-lhe «menina Mary, sempre com razão», e ainda que seja maldoso da parte deles, não deixam de estar certos. Talvez Mary tivesse aprendido boas maneiras se a mãe entrasse mais vezes no quarto dos brinquedos, com o seu lindo rosto e os seus modos impecáveis. Agora que a pobre senhora se foi, é muito triste ver como tanta gente ignora que aquela linda mulher até tinha uma filha.

A Sra. Crawford continuou a suspirar:

— Eu acho que a mãe mal olhava para a criança. Quando a ama morreu, ninguém se lembrou da pobrezinha por um segundo que fosse. Pensar que os criados fugiram e a abandonaram naquele bangaló deserto... O coronel McGrew disse que quase lhe caiu o coração aos pés quando abriu a porta do quarto e a viu de pé, ali sozinha.

Mary fez a longa viagem até Inglaterra acompanhada pela mulher de um oficial que ia levar os filhos para um colégio interno. As duas crianças, um menino e uma menina, pediam-lhe tanta atenção que ela ficou muito aliviada quando entregou Mary à mulher que Archibald Craven enviara a Londres para a esperar. Tratava-se da governanta da mansão de Misselthwaite, a Sra. Medlock.

Era uma mulher robusta, de faces coradas e olhos negros e penetrantes. Usava um vestido roxo ofuscante, uma capa de seda preta com franjas de azeviche e uma touca igualmente preta, bordada com flores de veludo roxo que se agitavam sempre que ela mexia a cabeça. Mary detestou-a, mas isso não constituía surpresa, visto que ela raramente gostava de alguém. Também era evidente que a Sra. Medlock não a tinha em grande conta.

— Palavra de honra! É uma coisinha sem graça nenhuma! — comentou. — Ouvimos dizer que a mãe era uma beldade, mas parece que à filha não lhe coube muito em sorte, pois não, minha senhora?

— Talvez melhore com a idade — respondeu a mulher do oficial, com boa vontade. — Se não tivesse um tom de pele tão amarelado e um ar tão fechado... Mas tem bons traços. As crianças mudam muito.

— Pois ela vai ter de mudar bastante — retorquiu a Sra. Medlock. — E se quer que lhe diga, não há nada na mansão de Misselthwaite que possa melhorar uma criança.

Julgaram que Mary não as ouvia, pois tinha-se afastado para junto da janela da pensão onde se encontravam. Observava os autocarros, os táxis e as pessoas que passavam na rua, mas escutava tudo perfeitamente e estava muito curiosa sobre o tio e o lugar onde vivia. Que espécie de sítio seria aquele, e que espécie de pessoa seria o tio? Qual seria o aspeto de um corcunda? Nunca tinha visto um. Talvez não existissem na Índia.

Desde que começara a morar em casa de outras pessoas e perdera a sua ama, Mary sentia-se sozinha e tinha pensamentos estranhos, como nunca tivera antes. Perguntava-se por que razão não

havia no mundo um lugar para ela, mesmo quando o pai e a mãe eram vivos. As outras crianças pareciam pertencer aos pais, mas ela não se sentia «a menina querida de alguém». Tinha criados, roupa e comida, mas ninguém reparava nela. Não compreendia que isso se devia ao facto de ser uma criança desagradável; mas, naquela altura, não tinha a consciência de que era desagradável. Muitas vezes pensava isso dos outros, mas nunca de si própria.

Decidiu que a Sra. Medlock era a pessoa mais desinteressante que alguma vez conhecera, com a sua cara vermelhusca e o seu chapéu vulgar e espalhafatoso. No dia seguinte, quando partiram para o Yorkshire, Mary atravessou a estação de comboios de nariz empinado e entrou na carruagem tentando manter a maior distância possível, porque não queria que pensassem que «pertencia» à Sra. Medlock. Irritava-a que alguém imaginasse que poderia ser filha dela.

Mas a Sra. Medlock não estava minimamente preocupada, nem com ela nem com os seus pensamentos. Era o tipo de mulher que «não aturava disparates da miudagem». Pelo menos seria essa a resposta dela, se alguém lhe pedisse a opinião. Não gostou de ser obrigada a ir a Londres precisamente na altura em que a sua sobrinha se ia casar, mas como tinha um emprego seguro e bem pago na mansão de Misselthwaite, sabia que a única maneira de o manter era cumprir o que o Sr. Archibald Craven lhe ordenava, sem protestar. Nunca se atreveu sequer a fazer-lhe uma simples pergunta.

— O capitão Lennox e a mulher morreram de cólera — dissera o Sr. Craven, na sua maneira habitualmente fria e reservada. — Era irmão da minha mulher, por isso cabe-me a guarda da filha deles. A criança deve vir para cá. Tem de a ir buscar a Londres.

De modo que a Sra. Medlock preparou uma pequena mala e fez a viagem.

Sentada num canto da carruagem, Mary pôs um ar sério e carrancudo. Não tinha um livro para ler nem havia nada interessante para observar, por isso cruzou as pequenas mãos no colo, mostrando as luvas pretas. O vestido também era preto, o que acentuava mais do que nunca o seu tom de pele amarelado. O cabelo baço e alourado, meio desgrenhado, aparecia por baixo do chapéu de crepe preto.

É a criança mais danada que já conheci na vida, pensava a Sra. Medlock («danada» é uma expressão do Yorkshire que significa «mimada» e «petulante»). Nunca tinha visto uma criança capaz de estar tão quieta e sossegada. Por fim, cansou-se de olhar para ela e começou a falar no seu tom de voz duro e ríspido.

— Creio que lhe posso dizer alguma coisa sobre o lugar que a espera. O que sabe sobre o seu tio?

— Nada — respondeu Mary.

— Nunca ouviu os seus pais falarem dele?

— Não. — E franziu o sobrolho, porque não se lembrava de os pais lhe falarem sobre qualquer assunto. Tinha a certeza de que nunca lhe tinham explicado nada.

— Hum... — murmurou a Sra. Medlock, atentando naquele rosto esquisito e sem emoção. Manteve-se em silêncio por uns momentos e depois recomeçou: — Creio que pode ficar a par de algumas coisas... para se preparar. O seu destino é um lugar estranho.

Mary não abriu a boca. Apesar de se sentir desconfortável com aquela aparente indiferença, a Sra. Medlock respirou fundo e prosseguiu:

— É uma mansão imponente, embora muito triste e sombria. O Sr. Craven tem muito orgulho nela, o que também não deixa de ser triste. Existe há 600 anos e fica mesmo no fim da charneca. Deve ter quase cem quartos, mas a maior parte deles estão fechados à chave. Há quadros e móveis bons e antigos, e outras coisas que estão ali há séculos. À volta há um grande parque, jardins e árvores com ramos que descem até ao chão. Alguns deles, pelo menos...

Fez uma pausa e respirou fundo outra vez.

— Mas não há mais nada — rematou, bruscamente.

Sem querer, Mary começou a prestar-lhe atenção. Parecia tudo muito diferente da Índia. As novidades atraíam-na, mas não quis mostrar-se interessada, porque a indiferença era justamente uma das suas características mais desagradáveis. De modo que continuou impávida e serena.

— Bem, o que pensa de tudo isto que lhe contei?

— Nada — respondeu Mary. — Esse tipo de lugares não me diz nada.

Perante o comentário, a Sra. Medlock deu uma risadinha.

— Ei, até parece uma velha! Então não quer saber?

— Não interessa o que eu quero ou deixo de querer.

— Aí dou-lhe razão — concordou a Sra. Medlock. — Não interessa mesmo nada. Não sei porque é que vai para a mansão de Misselthwaite... Deve ser a solução mais fácil. Uma coisa é certa: o seu tio não vai preocupar-se consigo. Ele não se preocupa com ninguém.

Interrompeu o que estava a dizer, como se se recordasse de qualquer coisa importante.

— O seu tio é corcunda e isso deu-lhe cabo da vida. Era um rapaz amargurado e nem a fortuna nem a mansão lhe serviram de nada... até que se casou.

Os olhos de Mary fixaram-se nela, apesar do seu esforço para não demonstrar qualquer interesse. Nunca imaginara que um corcunda se casasse e a ideia causou-lhe um certo espanto que a Sra. Medlock captou de imediato. Como era uma mulher conversadora, continuou a falar com mais entusiasmo. De qualquer modo, era preciso passar o tempo.

— Ela era uma alma bonita e doce, e ele teria ido até ao fim do mundo só para lhe ir buscar um fio de erva, se fosse preciso. Ninguém acreditou que ela se casasse com ele, mas casou-se. As pessoas julgaram que foi por causa do dinheiro, mas não foi. De certeza que não foi. Quando ela morreu...

Mary estremeceu sem querer.

— Oh! Morreu!... — exclamou, sem conseguir evitá-lo. Acabara de se lembrar de um conto de fadas francês que tinha lido uma vez, intitulado *Riquet à la Houppe*, sobre um pobre corcunda e uma linda princesa e, de repente, deu por si a sentir pena do tio.

— Sim, ela morreu — continuou a Sra. Medlock. — E desde então ele tornou-se um homem ainda mais estranho. Não se importa com ninguém, não vê ninguém. Anda fora a maior parte do tempo. Quando está em Misselthwaite, fecha-se na ala oeste e só fala com o Pitcher, um velhote que tomou conta dele quando era pequeno e que o conhece muito bem.

Tudo aquilo soava como um livro de histórias, mas Mary não ficou entusiasmada. Uma casa no fim da charneca — o que quer que fosse uma charneca — soava tristíssimo. Uma casa com cem quartos, quase todos fechados à chave... Um homem corcunda que também se fechava! Olhou pela janela do comboio com os lábios cerrados e não se admirou ao ver que a chuva começava a bater nas vidraças, escorrendo em linhas cinzentas e inclinadas. Se a linda esposa do corcunda fosse viva, poderia tornar as coisas mais alegres; tal como a sua mãe, quando andava de um lado para o outro e frequentava festas, com aqueles vestidos «cobertos de rendas». Mas ela já não estava neste mundo.

— Não fique à espera de ver o seu tio — afirmou a Sra. Medlock. — Aposto o que quiser em como isso não vai acontecer. E também não espere que haja pessoas para conversar consigo. Vai ter de brincar e de se entreter sozinha. Vão dizer-lhe em que quartos pode entrar ou não. Há muitos jardins. Quando estiver em casa, não ande por ali a espreitar e a meter o nariz. O Sr. Craven não admite isso.

— Claro que não vou andar por ali a espreitar e a meter o nariz — replicou a pequena Mary, irritada.

Tal como de repente sentiu pena do tio, passou a achar que tudo de mau que lhe acontecera na vida era mais do que merecido. Voltou a cara para os vidros molhados e ficou a observar a chuva cor de chumbo que caía em grandes bâtegas, numa tempestade interminável. Observou-a durante tanto tempo e com tanta atenção que o chumbo se tornou mais e mais pesado, caindo diante dos seus olhos e fazendo-a adormecer.

III

Do outro lado da charneca

Mary dormiu durante bastante tempo. Quando acordou, a Sra. Medlock tinha comprado um cesto de merenda com frango, rosbife, pão, manteiga e chá quente. A chuva parecia mais forte do que nunca e, na estação de comboios, as gabardinas dos passageiros estavam molhadas e reluzentes com a água. O revisor acendeu as luzes da carruagem e a Sra. Medlock ficou logo animada com o seu chá, frango e rosbife. Comeu à vontade e, de seguida, caiu no sono. Mary examinou-a, bem como à touca espalhafatosa que tombava num dos lados da cabeça, até que adormeceu novamente no seu canto da carruagem, embalada pelo bater da chuva contra as vidraças. Quando acordou, já tinha anoitecido. O comboio parara numa estação e a Sra. Medlock abanava-a.

— Já dormiu que chegasse! — exclamou. — Agora está na hora de acordar! Chegámos a Thwaite e ainda temos um longo caminho pela frente.

Mary pôs-se de pé e tentou manter os olhos abertos, enquanto a Sra. Medlock juntava as bagagens. Não se ofereceu para a ajudar, porque na Índia havia sempre criados para carregar as coisas e era esperado que outras pessoas o fizessem por ela.

A estação era pequena e, além das duas, ninguém mais parecia ter saído do comboio. O chefe da estação dirigiu-se à Sra. Medlock de forma rude mas bem-humorada, pronunciando as palavras com um sotaque esquisito e cerrado, que Mary percebeu ser próprio do Yorkshire.

— Já 'tá de volta — disse ele. — E traz a catraia consigo.

— Ah, pois, é ela me'ma — respondeu a Sra. Medlock, também com sotaque do Yorkshire, fazendo um sinal com a cabeça na direção de Mary. — E como 'tá a sua senhora?

— Vai indo menos mal. A carruagem 'tá à vossa espera lá fora.

Um *coupé*¹ estava estacionado na rua, em frente à plataforma. Mary reparou que a carruagem era elegante, bem como o criado que a ajudou a entrar. Envergava um casaco e uma capa impermeáveis que também reluziam com a água da chuva, à semelhança de toda a gente, incluindo o corpulento chefe da estação.

Depois de fechar a porta da carruagem, o criado subiu para o assento do cocheiro e puseram-se a caminho. Mary não tinha vontade de dormir outra vez, embora estivesse muito bem instalada num canto almofadado. Sentou-se e ficou a olhar através da janela, cheia de curiosidade pela estrada que a conduzia ao estranho lugar que a Sra. Medlock havia descrito. Não era uma criança tímida nem

¹ *Coupé*: nome dado a uma carruagem fechada de tração animal, só com dois lugares no interior e um no exterior para o cocheiro. [N. da E.]

estava assustada, mas sabia que não podia prever o que aconteceria numa casa situada no fim da charneca — com cem quartos, quase todos fechados.

— O que é uma charneca? — perguntou, de repente.

— Espreite pela janela e daqui a dez minutos já vai perceber. Temos de atravessar oito quilómetros da charneca de Missel até chegarmos à mansão. Não vai ver grande coisa, porque a noite está muito escura, mas dá para ter uma ideia.

Mary não fez mais perguntas e manteve-se expectante, encolhida no seu canto, de olhos postos na janela. As lanternas da carruagem iluminavam o caminho a uma curta distância e ela conseguia vislumbrar alguma coisa. Depois de deixarem a estação para trás, atravessaram uma pequena aldeia onde se viam as casas caiadas de branco e as luzes acesas de um *pub*². A seguir, passaram por uma igreja, pela casa do padre e por uma pequena loja que tinha guloseimas, bugigangas e brinquedos expostos na montra. Em breve entravam na estrada principal, cheia de sebes e arvoredos. A partir dali, era tudo igual — ou, pelo menos, assim lhe pareceu, durante um tempo interminável.

Por fim, os cavalos avançaram num trote mais lento, como se subissem um terreno inclinado e, aparentemente, já não havia mais árvores nem sebes. Mary não era capaz de ver o que quer que fosse, a não ser a densa escuridão de ambos os lados da estrada. Inclinou-se para a frente e encostou o rosto à janela, precisamente no momento em que a carruagem deu um solavanco.

² *Pub*: nome que tem origem na abreviação do inglês *public house*, que designa um tipo de bar popular no Reino Unido, e noutros países de influência britânica, onde são servidas bebidas (principalmente alcoólicas) e comida ligeira. [N. da E.]

— Eh! Já estamos na charneca, de certeza! — exclamou a Sra. Medlock.

As lanternas do veículo lançaram uma luz amarelada sobre a estrada agreste. Parecia ter sido rasgada através dos arbustos e da vegetação rasteira, terminando numa negrura que se estendia a toda a volta. Começou a soprar um vento feroz que se dispersava num silvo rouco e fora do vulgar.

— Não é o mar, pois não? — perguntou Mary, voltando-se para a sua companheira de viagem.

— Não, não é o mar — respondeu a Sra. Medlock. — Nem são campos e montanhas... São quilómetros e quilómetros de terra dura onde só crescem urzes, tojos e giestas. Os únicos animais que ali vivem são as ovelhas e os pôneis selvagens.

— Parecia mesmo o mar. Se eu soubesse que havia água... — acrescentou Mary. — Faz exatamente o mesmo barulho que o mar.

— É só o vento a soprar pelo meio dos arbustos — explicou a Sra. Medlock. — A charneca é um sítio muito selvagem e triste para o meu gosto... Mas há quem goste, sobretudo quando a urze está em flor.

Continuaram a avançar pela noite dentro e, embora a chuva tivesse parado, o vento continuava a rugir e a assobiar, produzindo sons inquietantes. A estrada subia e descia. Várias vezes a carruagem passou por pontes estreitas onde, por baixo, a água corria veloz e com grande estrondo. Mary sentia que a viagem nunca mais chegava ao fim; e que a vasta e desoladora charneca era como a extensão de um oceano negro, apenas com uma pequena faixa de terra seca por onde ela passava.

Não gosto disto, não gosto nada disto, pensou, comprimindo com mais força os lábios finos.

Os cavalos subiam um troço acidentado da estrada quando Mary teve o primeiro vislumbre de luz. A Sra. Medlock deu por ela ao mesmo tempo e soltou um grande suspiro de alívio.

— Ah, dou graças por ver aquela luzinha a tremer! É a lanterna da cabana do vigilante. Dê lá por onde der, daqui a um bocado já podemos tomar uma chávena de chá.

Foi mesmo dali «a um bocado», como disse, porque mal a carruagem cruzou os portões do parque, esperava-as uma alameda com cerca de três quilómetros. De um lado e do outro, as árvores, que quase se tocavam nas copas, davam a sensação de percorrerem um túnel longo e escuro.

Finalmente, chegaram a uma clareira e pararam diante de um edifício não muito alto, que se estendia a todo o comprimento. Parecia ter sido construído de forma irregular, à volta de um pátio empedrado. À primeira vista, Mary não descobriu luz em nenhuma janela; mas, ao sair da carruagem, avistou um canto do edifício, no primeiro andar, de cuja janela emanava um brilho pálido.

A porta de entrada da casa era grande e maciça, com painéis de madeira de carvalho curiosamente trabalhados e cravejados de pregos, e reforçada por barras de ferro que a tornavam ainda mais robusta. Abria para um vestíbulo muito amplo, mas tão mal iluminado que Mary teve a sensação de não querer encarar os rostos dos quadros pendurados nas paredes e as silhuetas das armaduras. De pé, no chão de lajes, Mary parecia uma coisa muito pequena, estranha e escura — e era exatamente assim que se sentia.

Um homem de idade, magro e bem vestido, esperava-as junto do criado que lhes abriu a porta.

— Leve-a para o quarto — ordenou, em voz rouca. — Ele não pretende vê-la. Vai viajar para Londres amanhã de manhã.

— Muito bem, Sr. Pitcher. Desde que saiba o que esperam de mim, não há problema.

— O que esperam de si, Sra. Medlock, é que garanta que ele não é incomodado e que não veja o que não quer ver.

De modo que Mary Lennox foi conduzida através de uma larga escadaria e de um longo corredor. Subiu um pequeno lanço de escadas até chegar a outro corredor e depois a mais outro. Por fim, abriu-se uma porta e ela deu por si num quarto aquecido por uma lareira e com o jantar na mesa.

A Sra. Medlock falou sem cerimónias:

— Pronto, já cá está. Vai viver neste quarto e no quarto ao lado. Mais nada. Não se esqueça disso!

Foi neste cenário que a menina Mary chegou à mansão de Misselthwaite, e talvez nunca se sentisse com tanta razão na sua vida como se sentiu naquela noite.

Um clássico intemporal que fica no coração de todos aqueles que o leem.

Mary Lennox vivia na Índia, rodeada de luxos e criados. Contudo, após doença grave dos pais, a menina fica órfã e é obrigada a ir viver com o tio Archibald Craven, em Inglaterra.

Sem nada para brincar dentro de casa, Mary vai explorar o exterior e descobre um jardim. Mary vai conhecer emoções e sensações que até aí desconhecia, como a amizade que desenvolve com Dickon e Colin ou a simples alegria que uma corrida pelos jardins pode trazer.

As três crianças assumem o forte compromisso de fazer renascer o jardim fechado há mais de 10 anos. É essa dedicação que vai alterar por completo as suas vidas e a de todos os que ali habitam.

Frances Hodgson Burnett escreveu uma narrativa maravilhosa, onde o encanto e os mais simples pormenores da natureza levam à descoberta do «jardim secreto» de cada uma das personagens.

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras infantojuvenis aclamadas universalmente, muitas delas recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>imagina descobre voa</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-714-2</p> <p>11+</p>  <p>9 789897 077142</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---